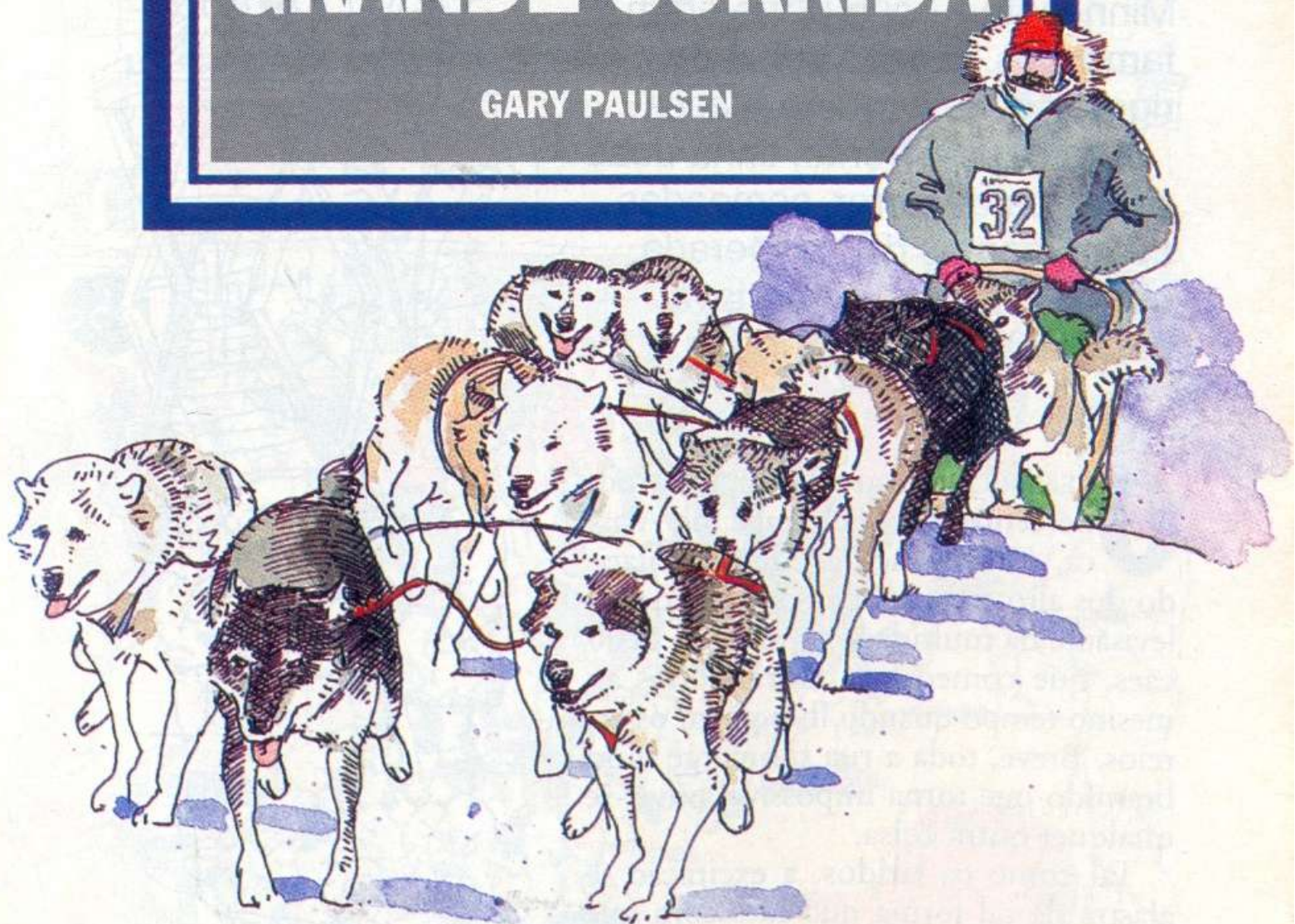




SEÇÃO DE LIVROS

# A ÚLTIMA GRANDE CORRIDA

GARY PAULSEN





Todos os meses de março, mulheres e homens destemidos reúnem-se em Anchorage, no Alasca, para a mais importante corrida de suas vidas — quase 1900 km de trenó puxado por cães através do Alasca.

Parecia uma loucura Gary Paulsen, de 42 anos, participar do Iditarod. Até ali, o mais que ele fizera fora dirigir uma matilha de cães ao longo de 240 km, nos bosques de Minnesota — que já lhe eram familiares. E nada sabia dos rigores do inverno no Alasca.

Agora, pela frente, tinha duas semanas de terror, semeadas de momentos de inesperada hilaridade, enquanto lutava para realizar seu sonho.

**O**CENÁRIO da partida do Iditarod, no centro de Anchorage, no Alasca, é uma loucura. Além do alarido dos alto-falantes, das câmeras de televisão e da multidão, há mais de 1200 cães, que começam a ladrar todos ao mesmo tempo quando lhes põem os arreios. Breve, toda a rua submerge num bramido que torna impossível ouvir-se qualquer outra coisa.

Tal como os latidos, a excitação se alastra de tal forma que cães com que lidamos há anos se tornam totalmente irreconhecíveis, quase loucos de an-





The Last Great Race 1160 mi. ANCHORAGE TO NOME

# WILSON TRAIL RACE

## START





siedade. A alucinação é contagiosa e propaga-se a todo mundo — treinadores de cães, condutores e sobretudo aos novatos. Eu estava entre estes.

Era minha primeira participação no Iditarod. O que tinha pela frente era inimaginável. Eu e os outros condutores — 68 pessoas — íamos partir com nossas matilhas de cães a 5 de março e levaríamos duas semanas ou mais de trenó até Nome, a 1931 km dali. Os cães teriam de ser alimentados de hora a hora, precisavam descansar, ser massageados, calçar botinhas. A comida fora levada de avião e depositada em 18 pontos de controle ao longo do Alasca, juntamente com as peças de substituição, as tais botinhas e arreios suplementares.

Havia milhares de coisas que tinham de ser feitas, mas de repente já não havia tempo para mais nada. A ansiedade que isso provoca me fez cometer um erro de principiante.

Eu e minha cadela-piloto, a Cookie, trabalhamos juntos durante dois anos; ela conhecia muito bem todo o resto da matilha. Eu confiava inteiramente nela. Mas...

Deixei-me dominar pela ansiedade que antecede a corrida. Nunca havia entrado em competição e ela nunca havia conduzido uma matilha numerosa assim e em meio a tal confusão. Deram-me um cachorro antes de eu sair de Minnesota, o Wilson, e me disseram que já liderara corridas.

A três minutos da partida, desatrolei a Cookie, pus o Wilson na fren-

te e ela atrás dele. Antes de poder refletir se teria agido bem, aproximou-se de mim um homem com uma prancheta.

— Você é o próximo a partir — me disse.

Havia voluntários alinhados atrás de cada grupo de cães. Desatrolei os meus do caminhão e passamos sob um cartaz onde se lia «A Última Grande Corrida». Os bichos puxavam tanto as rédeas que quase as arrebentavam, quando atravessamos a rampa.

Um terror louco se apoderou de mim quando olhei para meus 15 animais na rua e percebi que a coisa ia mesmo começar. Um homem se inclinou com um megafone e disse, junto de meu ouvido:

— Cinco! Quatro! Três! D...

Mas foi então que os cachorros se precipitaram, livraram-se dos homens que seguravam o trenó e lá fui eu atrás deles.

Iniciei o Iditarod ilegalmente, com dois segundos de avanço.

Há uma fotografia em que apareço deixando a linha de partida com o Wilson de língua de fora e um brilho selvagem nos olhos. Pareço sorrir, mas diga-se a bem da verdade que o sorriso não é de bom humor, mas um esgar próximo do terror mortal.

Fizemos quase dois quarteirões. Wilson corria pela pista deixada pelas 31 equipes anteriores. No fim do segundo quarteirão havia uma curva perigosa à direita que conduzia a uma rua secundária e, depois, para fora da cidade, entrando nos cami-



nhos que seguiam por entre o arvoredo ao longo das estradas que saíam de Anchorage.

Preparei-me para a curva e tudo estaria bem se o Wilson não teimasse em correr sempre em frente, furando a multidão e internando-se em Anchorage.

Não consegui deter os cães. Os freios do trenó só conseguiam arranhar o asfalto. Lancei meu gancho de neve, uma âncora metálica afiada destinada a segurar o trenó na neve, mas ele ricocheteava no concreto. Tentei prender o gancho de neve no pára-choque de um carro, mas só consegui arrancá-lo. Então, agüentei-me e rezei, gritando «Ua!» sempre que conseguia respirar.

Atravessamos muitos pátios, chocando-nos contra latas de lixo. A certa altura, passei por um parque de estacionamento e atravessei um quintal. Uma mulher, debruçada sobre a pia de uma cozinha, olhou para fora de olhos esbugalhados ao nos ver passar. Derrubamos a cerca quando o Wilson tentou passar por um buraco onde mal cabia um gato.

Nesse meio tempo, um *cocker spaniel* ouviu-nos aproximar e começou a latir enquanto minha matilha de 15 musculosos *huskies* se lançava contra ele. Consegui dar uma pequena guinada com o trenó para não o atingirmos e continuamos a avançar, deixando o animal ladrando sem entender muito bem o que tinha passado por ele.

Mais tarde, eu soube que no banquete antes da corrida eu fora considerado a última pessoa capaz de sair

de Anchorage. Fizeram-se apostas sobre quanto tempo eu levaria para ficar em pedaços. «Ele só vai agüentar dois ou três quarteirões», alguém afirmara. Era praticamente verdade.

De novo nas ruas, comeci a tentar me agarrar aos paus de sinalização com o gancho de neve, mas eles eram frágeis e inclinavam-se. Comecei a desesperar. Por fim, o gancho agarrou num sinal de pare e deteve a cachorrada, enquanto eu voltava a pôr Cookie na frente e o Wilson — ainda de dentes arreganhados e pronto a morder — lá atrás do grupo.

Estava agora na difícil posição de ter de perguntar a observadores atônitos se sabiam o caminho que ia dar à pista do Iditarod.

— Claro. Ande três quarteirões, depois corte na galeria até ver o posto de gasolina.

Foi um milagre ter conseguido sair de lá.

Demorei seis horas para chegar ao primeiro dos 18 postos de controle. Ficava em Eagle River, um subúrbio de Anchorage, onde me reuni aos treinadores dos cães e à minha mulher, Ruth. Era preciso desatrelar os cachorros e metê-los no caminhão, seguindo então para Knik, na orla de um bosque, onde a corrida verdadeiramente começa. (A partida de Anchorage é apenas para exibição.)

— Como é que a coisa está correndo? — me perguntou Ruth.

— Depois do que aconteceu, tudo tem de ser mais fácil — respondi. — Nada é pior do que sair de Anchorage.

Foi uma afirmação de que eu não



me esqueceria tão cedo nos dias que se seguiram.

EM CASA, em Minnesota, eu às vezes caçava animais com armadilhas e tinha corrido com uma matilha de cães em meu trenó artesanal. Vi coisas maravilhosas enquanto os treinava, imagens como de joalheria de gelo. Queria descobrir os lugares maravilhosos onde só eles poderiam me levar.

E então começou a me acontecer uma coisa. Principiei a pensar em meus cachorros como bons amigos que eu conseguira conhecer e compreender.

Minha primeira longa corrida foi ocasional, não planejada. Depois de um dia e uma noite no bosque, decidi que não ia voltar à cabana.

Tinha bastante comida no trenó para os cães e para mim. Ruth ficaria preocupada se eu chegasse tarde, mas eu já tinha chegado tarde antes.

Por isso, rumei para norte, contemplando o horizonte, tentando ver além de cada colina mais próxima, aguardando que uma nova maravilha me surgisse a seguir à curva. Em suma, comecei a fazer aquelas coisas que acabam inevitavelmente por nos levar ao Iditarod, embora nessa altura não me tivesse dado conta disso.

Depois de ter vivido mergulhado em maravilha durante três dias e três noites, regressei à nossa cabana. Pus os cachorros no canil e prendi-os às correntes. Fiz comida, alimentei-os e trouxe-lhes palha fresca. Depois, sentei-me junto da casinha da

Cookie e olhei para as luzes de nossa cabana.

Estava escuro. Tínhamos corrido durante todo o dia para chegar a casa, e entramos silenciosamente. Os cães fizeram suas camas, remexeram a palha para amaciá-la e aquietaram-se.

Eu não me resolvia a entrar em casa. Meu lugar já não era lá. A corrida, os cães, conhecê-los e saber o que sentiam, tudo isso provocara em mim uma mudança. Então, a porta da cabana se abriu e Ruth saiu com uma panela de água suja. Atirou-a em cima da estalagmite que se formara com o congelamento da água de lavar louça junto à porta. Aí, olhou para o canil e me viu lá sentado.

Voltou para dentro e saiu, passado um minuto, vestida com uma *parka* e trazendo uma tigela fumegante. Vi-a dirigir-se ao canil em silêncio. Parou e me estendeu a tigela. Percebi que era sopa quente. Estava deliciosa, a melhor coisa que eu já tinha provado.

— Eu estava preocupada — disse ela passados uns instantes.

— Desculpe. Só estive correndo com eles.

Engoli mais um bocado de sopa e olhei para o céu. O ar frio estava tão límpido que as estrelas pareciam ir despencar no chão.

— Eu não conseguia voltar.

Durante um momento, ela não disse nada; depois, suspirou.

— Você está diferente. Por causa dos cachorros. Alguma coisa mudou.

— Mudou.



Senti-me dominado por uma sensação de profundo conhecimento — talvez de profunda ignorância. Uma falta de conhecimento e um desejo de conhecer.

— Estou diferente. Vejo as coisas como eles as vêem.

— Eles quem?

— Os cachorros.

De repente, pensei: «Os outros cachorros.» Porque agora eu era um deles.

— Você vai entrar na corrida, não vai?

— Que corrida?

Deus sabe que meu espanto era genuíno. Eu não estava pensando em corrida nenhuma. Apenas no desejo de guiar meus cães, no prazer inacreditável de tudo isso.

— A corrida do Alasca.

— O Iditarod?

— É. Essa. Você vai, não vai?

Já havíamos falado algumas vezes nela. Eu tinha ouvido muito sobre toda a loucura que era. Uma parente nossa me dissera:

— Pessoas normais não fazem esse gênero de coisas.

Eu concordara.

— Vou sim — repliquei, ouvindo a respiração da Cookie rompendo o silêncio de Ruth à espera da resposta. — Acho que vou.

SERIA impossível relacionar aqui tudo o que eu ignorava sobre corridas de cães quando, no outono seguinte, comecei a treinar minha matilha. O trenó foi meu primeiro equívoco. Conversei com alguns corredores e arranjei um lindo triciclo li-

geiro, com um volante comandado por duas cordas.

O problema é que esses corredores de *sprint* só treinam para corridas curtas e não desenvolvem músculos fortes e resistentes em seus cães de tiro.

Chegou um dia em que decidi correr com 13 cachorros. O trenó estava preso a uma árvore por uma corda sólida e um dispositivo rápido de desengate que eu experimentara pelo menos quatro vezes. Soltamos os animais; atrelei a Cookie em primeiro lugar e depois alinhei os outros. Cada um excitava os companheiros, e quando dez deles já estavam enfileirados, o barulho ficou ensurdecedor.

Quando o último cachorro foi alinhado, subi no trenó, acenei à Ruth, que estava à porta nos vendo, e acionei o mecanismo de desengate.

Ao atravessar o pátio, estou certo de que o trenó não tocou no chão mais de duas vezes. «Meu Deus», pensei eu, «eles aprenderam a voar!»

Comigo pendurado atrás como se fosse uma bandeira esfarrapada, chegamos ao fim do jardim, onde tínhamos que virar para entrar na estrada.

A matilha fez bem a curva.

O trenó começou a virar, mas esqueci de me inclinar, e ele começou a jogar de um lado para o outro. Avançamos pela estrada afora, com ele de pernas para o ar e eu arranhando a cara toda no chão de pedrinhas.

Andamos 6 km até eu conseguir virá-lo sobre as rodas, mas o volante



estava quebrado e eu não tinha nada a que me agarrar, a não ser as rédeas. Estava também seminu, porque minha roupa ficou toda em frangalhos quando fui arrastado.

Fizemos 48 km em apenas duas horas e meia e em nenhum momento tive o controle da situação.

Mais tarde, eu e Ruth conversamos sobre essa primeira corrida com uma matilha tão numerosa puxando um trenó tão leve.

— Seria ótimo se essa fosse a sua pior corrida — observou ela, bebendo café junto do fogão.

Em saídas posteriores, esfolei o rosto, as costas, o traseiro e a barriga no cascalho. Fui arrastado por 1, 2, 3 km. Perdi a matilha oito, dez vezes. Andei a pé 20 km — uma vez até 64 km — à procura dos cães. O trenó não deixou de quebrar-se nenhuma vez.

Um dia, saí de casa com fósforos no bolso, que se acenderam quando comecei a ser arrastado, bem em frente de casa. Devo ter ficado como um meteorito, gritando que minhas calças estavam pegando fogo, enquanto Ruth ria muito.

O problema é que eu não conseguia dar uma boa largada.

Depois, vi uma fotografia de uma matilha de cães no Canadá treinando para o Iditarod. Eram 15 animais mais ou menos do tamanho dos meus. Puxavam um carro. Um automóvel de verdade.

Fui buscar Ruth e saímos de casa à noite, rumo à cidade.

— Onde vamos? — perguntou ela.

— A um ferro-velho. Vamos levar um calhambeque lá para casa e construir um trenó. Já é tempo de encarmos a sério nossa preparação.

E, surpresa das surpresas, a coisa acabou por funcionar como eu queria. Atrelei os 15 cachorros e, em breve, eles se adaptaram, mantendo uma velocidade de cerca de 10 km/h a puxar o velho Ford.

Foi formidável. Pela primeira vez, pude pensar em termos de uma grande equipe, uma equipe de classe Iditarod, sem me sentir aterrorizado. Nada poderia acontecer que eu não pudesse controlar. Creio que aquilo era mais ou menos o mesmo estado de espírito em que me en-





contrava quando me alistei no Exército. Depois, levei três anos, oito meses e 21 dias a lamentá-lo.

O outono é uma época de grande atividade nos bosques. Os veados lutam e reproduzem-se, os ursos vagueiam, os alces andam no cio e as gambás procuram alimento para enfrentar o inverno e um lugar para hibernar.

Atingimos a primeira delas por volta das 9 da noite. Os cachorros da frente apanharam a primeira baforada mefítica e ficaram malucos.

Puxei o freio de emergência e corri até a frente, onde os cães lutavam com ela. Cookie agarrara o animal pelo cachaço e tentava segurá-lo. Sem pensar no que fazia, agarrei a cauda da gambá.

Nessa altura, o bicho me lançou um esguicho forte que foi em cheio na minha cara.

«Uac!» Primeiro vomitei, depois andei em círculos, esfregando os olhos. Levei meia hora para recuperar a vista e a respiração, e outra meia hora para desenredar os cães e aprontá-los para prosseguir.

Foi um pavor. Eu fedia e conti-

nuava enjoado, mas conseguimos ultrapassar o incidente e, pensava eu, poderíamos terminar a corrida.

Esbarramos com outra gambá passado 1 km.

No total, fomos contra seis nessa primeira noite. Fui atingido por cinco, pelo menos. Foi na noite em que a Ruth, mal sentiu meu cheiro, me obrigou a ir buscar o saco de dormir e a ficar no canil.

Mas meu desejo se manteve. Vieram as longas noites, que se prolongaram em longos dias, treinando em Minnesota, até os cães terem realmente mudado. Conseguiram fazer 110 km em velocidade de cruzeiro. Tinham-se tornado selvagens. Era excitante ver sua força. Cortava-me a respiração. Estávamos prontos para competir.

Ruth e eu estávamos praticamente falidos, mas um amigo nos deu um caminhão velho. Rumamos para o Alasca na pior época do inverno: 51°C negativos no Yukon, tão frio que o aquecimento do caminhão era impotente e tínhamos que estar constantemente tirando gelo do pára-brisa — pelo lado de dentro.





Mas conseguimos chegar a Anchorage, à abertura oficial da corrida, e agora estávamos no posto de controle de Knik, onde o verdadeiro início teria lugar.

Despedi-me de minha mulher. Ela chorava porque tinha ouvido dizer que a trilha era perigosa e que seria nesse ano que um novato acabaria por morrer — um susto que aumentou numa fase posterior da corrida, quando eu fui dado como desaparecido pela rádio.

Os voluntários nos levaram para uma pista estreita que desaparecia por entre árvores. Depois, me largaram e nos internamos no arvoredo. Cookie ia no comando. Muito antes, no bosque perto de casa, aprendi a confiar nela ao ponto de adormecer no trenó enquanto ela percorria terrenos inóspitos e lagos gelados. Sabia conduzir a equipe e seguir pistas.

Só que, desta vez, ela falhou.

Ao anoitecer, Cookie virou à direita numa encruzilhada e avançamos por aquilo que parecia ser a pista certa. Subitamente, quase de um instante para outro, escureceu por completo.

Tirei a lanterna da bolsa do trenó, pendurei-a em minha mochila e acendi a luz. Começara a nevar um pouco e o pó da neve que caía toldeou a pista.

A trilha seguia ao longo da margem de um rio gelado, mas subitamente atravessava o rio sem qualquer razão aparente, e depois subia a margem. Mais adiante galgava a encosta de uma montanha.

Aquilo ia para um lado e para outro e eu comecei a ficar confuso. Tínhamos deixado o rio e subido uma montanha ao longo de 24 km, até um vale estreito. A seguir, a pista levava a uma clareira, subia em direção a um rochedo e parava.

Então me ajoelhei, afastei a neve da trilha e vi que a pista tinha sido feita por uma máquina de neve. O motorista dera ali a volta e regressara pelo mesmo caminho. Era a trilha errada e nós teríamos de voltar.

Começamos a descer a montanha. Foi então que vi o estrago que causara. Pequenos pontos de luz avançavam em minha direção, vacilando por entre a neve.

Vinham 27 equipes atrás de mim. A que estava bem atrás de mim seguia o cheiro da Cookie, e as outras vieram-lha atrás. Um pesadelo. Quando uma equipe se cruzava com outra, os cães se engalfinhavam. Em breve, tínhamos 80 ou 90 cachorros lutando uns contra os outros.

De repente, ouvi um grito atrás de mim.

— Cuidado!

Virei-me e vi toda a noite e a escuridão moverem-se, avançando para cima de mim.

Tive tempo de pensar na palavra *alce*. E então um animal de 370 kg carregou contra mim como um trem.

Atingiu-me duas vezes com as patas — uns coices surdos. Rolei e depois me pus de pé, agarrando-me ao trenó. Virei-me e o vi virar à esquerda e atacar a equipe que vinha atrás.

Ele atirou por terra o cachorro que pilotava a matilha e pisou-o.



Enquanto eu apanhava meu machado, ouvi um ruído seco e um clarão, depois outro, outro e mais outro. Cinco vezes. O homem do outro trenó tinha uma arma.

Por fim, o alce afastou-se na neve, caiu e morreu.

Livre dele, o homem correu para seu cachorro, ajoelhou-se e abraçou-o, chorando, enquanto o animal morria.

Rompia a madrugada e eu ali estava. Minha outra vida me parecia distante. Trabalho, família, nada disso parecia real. O real era isto — estar ali, com a neve caindo, junto de um alce morto e de um homem que chorava pelo seu cachorro.

Cheguei ao posto de controle seguinte em transe, de olhos abertos, mas com o cérebro «desligado».

Alguém, certamente um voluntário, estendeu-me um cartão, e eu assinei. Era uma mulher, que sorriu e perguntou:

— Até agora está gostando da corrida?

Olhei para ela, pensando que estava sendo sarcástica, mas ela falava a sério.

Eu tinha-me perdido, arrastara um terço dos participantes para a pista errada e percorrera 190 km a mais até chegar ao ponto certo. Acrescente-se a isso a luta entre os cachorros, o fato de ter sido atropelado por um alce, ver um cão morrer e o dono chorar. Se tivesse tudo isso em conta, provavelmente teria desistido ali mesmo. Em vez disso, abri a boca e disse:

— Eu...

Mas não consegui articular outras palavras. Ela me deu uma palmadinha no braço e acenou com a cabeça.

— Estou entendendo. Mas ainda estamos no princípio da corrida. Mais tarde haverá mais para contar.

E afastou-se, antes de eu poder dizer-lhe que pensava que toda a minha vida tinha mudado por completo e que nada, nunca mais, voltaria para mim a ser o mesmo.

Deixei meus cachorros descansarem durante quatro horas, dei-lhes uma refeição ligeira e verifiquei se tinham golpes entre os dedos. Quando acabei, ergui-me e Cookie olhou para mim. Levantou-se também, sacudiu o pêlo e fez a matilha se levantar.

Corremos o dia inteiro em direção à cordilheira do Alasca, uma das maiores da América do Norte, e a primeira autêntica barreira da corrida. Teríamos de atravessar essas montanhas para penetrarmos no interior. Um céu límpido e o Sol a brilhar realçavam a neve nos cumes e faziam-nos parecer quase vivos. Os animais corriam a uma temperatura de  $-17^{\circ}\text{C}$  e não queriam parar.

Chegamos ao posto de controle seguinte depois do anoitecer e, devido à minha incursão falhada, quase um dia depois dos primeiros. Encontrei meus sacos de comida e acendi meu fogão de campismo. Tinha bolinhos de carne com queijo para mim, pré-cozinhados mas congelados. Estavam em sacos de plástico. Pus dois em cima da carne dos



animais que descongelava e fiquei examinando todos eles à procura de feridas nas patas.

A maior parte tinha adormecido — pareciam ter mergulhado instantaneamente num sono profundo —, e enquanto eu me inclinava sobre cada um deles, eles estendiam as patas sem acordar, para que eu pudesse examiná-las. Quando pousava uma pata, eles estendiam outra, continuando a respirar pesadamente, semi-adormecidos. Todos, exceto o Diabo, um canzarrão canadense de olhos amarelos que protestou me dando uma dentada quando eu quis examiná-lo.

Acabado isto, fui até o fogão e então vi que meus bolinhos se tinham derretido e misturado com a carne dos cachorros. Retirei-os dali, mas depois hesitei.

Eu estava morrendo de fome, mas a comida deles, agora misturada à minha, era feita de carne de vitelos natimortos, retirados de vacas abatidas em matadouros. A carne da vaca é usada para a alimentação humana, mas a dos fetos não. Estes sofrem uma preparação, são congelados em contentores de 23 kg e depois vendidos a fábricas de comida para animais. Quando se trata da carne desses fetos, a separação que se faz é muito sumária e por isso coisas estranhas aparecem quando ela é aquecida e posta nas tigelas de alimentação — pedaços de pele, pequenas patas, por vezes um olho. Quando puxei o plástico dos meus sacos dali, ele se rompeu e parte da comida dos cachorros se misturou

com a minha, mas nem por isso perdi o apetite.

Só parei um minuto para pensar, com o bafo de minha respiração a vaporizar-se à luz do lampião. A lógica era a seguinte: eu estava esfo-meado. Se a comida era boa para os cachorros e eu estava me tornando em algo muito parecido com um deles, poderia ela ser má para mim?

Comi os bolinhos e, num sentido muito real, isso desfez a última barreira entre mim e meus animais. De uma forma primária, eu vinha teimando em ser, se não normal, pelo menos humano. A partir de agora, não havia distinção. Não era eu a guiar o trenó e os cães a me puxarem. Éramos *nós* — um *nós* quase glorioso.

Quando terminou o tempo de descanso deles, o dia já estava rompendo, num clarão que avançava sobre o lago na direção que tínhamos tomado.

Eu estava sentado no trenó. Tínhamos avançado sem parar durante mais de 36 horas, e eu sentia minhas pernas arderem. Cookie voltou-se para ver o dia nascer. A união entre nós tinha crescido mais do que com qualquer dos outros cães. Fiz-lhe uma festinha a contrapelo nela, senti-a lambe-me a mão, e chamei-a pelo nome.

Mas ela não estava olhando para mim. Olhava por cima de meu ombro, vendo o Sol se erguer sobre o lago. Ambos contemplamos o nascer do dia, gozando aquele momento de tranqüilidade, enquanto eu enterrava os dedos no pêlo fofo de



seu pescoço, desejando que houvesse alguma forma de arquivar aquilo, de transmitir aos outros aquela magnífica paz.

Depois, levantei-me, o que fez que os outros cachorros também se erguessem, e abandonamos o posto de controle.

Ao sairmos dali, um dos participantes gritou para mim quando passamos:

— Vai sair agora?

Acenei que sim.

— Eles querem correr.

— Vou esperar que anoiteça.

Acionei o freio. Os cães não pararam, mas o trenó diminuiu a marcha o suficiente para eu poder perguntar:

— Por quê?

Afinal, faltavam 11 horas para o anoitecer, o que era tempo demais para se descansar.

— Não gosto de ver o Happy River quando passo por lá — me respondeu ele.

Eu segui em frente.

Na reunião que antecedeu a corrida, fomos avisados sobre alguns dos pontos mais difíceis: Happy River, Rainy Pass, Burn. Mas tudo isso eram apenas nomes sem significado para mim. Que tinham dito sobre o Happy River? Podia ser difícil por causa da neve, ou qualquer coisa do gênero.

Enquanto meus cachorros corriam, amarrei uma corda ao trenó. Olhei então para a frente e vi a parte avançada de minha matilha descer de súbito e desaparecer.

Se houvesse mais tempo, teria re-

zado. Lá embaixo, à minha frente, havia um enorme vale. O fim dele parecia a quilômetros de distância, e o rio lá no fundo, uma pequena linha no meio. O trenó chegou a um ponto que descia quase na vertical.

Cookie, percebendo que para sobreviver tinha de evitar que ele lhe caísse em cima, saltou para a beira do precipício. Os outros cães, habituados a segui-la cegamente, foram atrás. Despencamos todos.

Segurei a barra do trenó com as duas mãos e fui arrastado de barriga para baixo, enquanto saltávamos e rolávamos 150 m ribanceira abaixo, até o rio gelado.

Meu corpo funcionou como contrapeso, o que talvez nos tenha salvo, porque evitava que o trenó fosse para cima dos cães. Devo ter gritado, mas não me recordo de tê-lo feito. Quando abri os olhos, estava estendido sobre o rio gelado, os cães perfeitamente alinhados à minha frente, e o trenó — maravilha das maravilhas — de pé, com todo o equipamento intato.

Resmunguei qualquer coisa, ajeitei a matilha e partimos de novo. Muitos pensamentos me vinham à cabeça, na maioria de apreensão.

Contudo, a seguir ao Happy River, o próximo pedaço complicado, Rainy Pass, pareceu-me uma brincadeira. A neve na pista estava compacta, as áreas íngremes pareciam quase planas e avançamos sem dificuldade. Chegamos ao posto de controle no alto do passo sem estarmos ofegantes e com os cães ainda cheios de energia. E então descobri





que não era a subida o problema. Era a descida.

Quando saí do posto de controle, a temperatura era de quase  $-17^{\circ}\text{C}$ , e os cachorros corriam à vontade num terreno de pequena inclinação. Pensei em diminuir seu ritmo, mas eles estavam se divertindo e por isso pensei: «Vou deixá-los correr.»

Subitamente, vi um desfiladeiro que me deixou varado de terror. Era uma passagem estreita, com um riozinho tormentoso que corria entre pedregulhos e rochas pontiagudas. Não havia trilha; apenas um rebordo de gelo seguia de um dos lados. Talvez fosse atravessável com uma matilha caminhando devagar e sob rigoroso controle.

Quanto a mim, atingi-o a toda a velocidade. Tentar usar o freio no gelo fino do rebordo era absolutamente inútil.

Fui então atingido na cabeça por uma pedra afiada ou pelo galho de um arbusto. Lembro-me de ter agarrado um pedaço de corda amarrada à barra do trenó, num último esforço, e depois fui por ali afora, varrendo o caminho, arrastando-me

no gelo, batendo de encontro às pedras.

Tomei outra pancada na cabeça e perdi a consciência.

NÃO CONSEGUIA pô-la para funcionar. Alguém falava alto.

— ... em pé...?

Não fazia sentido. Eu não fazia a menor idéia de onde estava nem do que me tinha acontecido.

— Diabo, você consegue levantar ou não? Torci brabo meu pé.

Abri os olhos. Estava tudo branco e brilhante. Eu fixava a neve, montes de neve refletindo o brilho intenso do Sol.

«Por que estou eu aqui estendido?», pensei. «Por que terei adormecido de dia?»

A voz se tornou mais alta, misturada com a dor que agora se tornava evidente. Percebi que não era só a cabeça. Sentia o corpo todo dolorido, como se tivesse estado dentro de uma britadeira.

— Olha aí: ou você levanta e me ajuda, ou então largo seus cachorros.

Rolei para o outro lado — a dor no peito quase me fez gritar — e olhei para cima. Um concorrente segurava meu trenó, com minha matilha pronta para avançar por uma





trilha gelada que corria ao longo de um riacho cheio de pedras. O outro mantinha o braço esquerdo enganchado na barra de meu trenó e o direito na do seu. Percebi que as duas matilhas ameaçavam rasgá-lo ao meio. Se soltasse a minha, os cães avançariam e me deixariam ali mesmo. Se largasse a sua, os seus se enfiariam na água.

Ajoelhei-me, arrastei-me até a barra de meu trenó e levantei-me. E numa frase que só poderá considerar-se um exagero, declarei:

— Pronto. Já os segurei.

Nesse momento, ele largou meu trenó.

Como é evidente, eu não tinha conseguido segurar meus cachorros, que então se atiraram, correndo, pela trilha. O chão me fugiu debaixo dos pés e fui arrastado, numa posição que parecia ser cada vez mais minha especialidade.

Quando cheguei ao próximo posto de controle, já tinha anoitecido e eu estava cheio de manchas roxas.

Assinei, arranjei um lugar entre umas árvores, perto de uma pequena cabana de toros de madeira, alojei os cães, dei-lhes de comer, massageei-os, observei-lhes as patas e aqueci comida.

Fazia tudo de modo automático,

domando as dores que sentia. Mais tarde, um médico me disse que eu devia ter sofrido uma concussão e, se meus cães não tivessem sido detidos, eu estaria provavelmente todo em pedaços.

Num ponto qualquer de meu espírito começou a se formar uma vontade de desistir, a idéia de que eu não seria capaz de chegar ao fim. Por que me sujeitar a tal castigo? Uma vez que não havia resposta lógica para isso — por que alguém faria uma coisa dessas? —, meu espírito avançou para o passo seguinte: a racionalização.

Não se tratava propriamente de desistir. Eu já tinha chegado mais longe do que a maior parte dos novatos que se retiraram da competição. Muitos nem chegaram ao Rainy Pass, quanto mais ultrapassá-lo...

E depois, numa torrente: eu tinha 42 anos; tinha mulher e um filho, uma chance de ter sucesso, uma vida lá no Sul. Que é que eu pensava que estava fazendo ali?

Nesse momento, um dos juizes da corrida se aproximou com o veterinário para observar meus cães. Tudo o que tinha a fazer era dizer-lhe «desisto» e ir para casa me deitar numa cama fofinha, tomar um banho, uma refeição quente e en-



contrar as centenas de pessoas simpáticas que me presentearam com pneus, cães, comida, dinheiro. Gente que organizou bailes, piqueniques e rifas para nos financiar. Gente que me abordava na rua e me entregava 10 dólares, dizendo: «É para a corrida.»

O homem que me ofereceu seu velho caminhão com mais de 20 anos para que eu pudesse chegar ao Alasca e que, quando se tornou evidente que eu estava falido para participar na corrida, disse:

— É uma pena chegar até aqui e não ir até o fim.

— Mas estamos esbanjando dinheiro — contrapus.

— Eu e minha mulher temos umas economias.

— Vocês não podem...

— Nós podemos, sim. Eu vou perguntar a ela, mas sei que vai concordar.

Ele tinha mulher, duas filhas, era operário e trabalhava mais que muitos que eu conheço para ganhar cada centímetro de seu dinheiro.

Todas essas pessoas estavam presentes em meu espírito, bem como Ruth, que aturara minha louca obsessão durante todo o inverno e que vinha me apoiando desde Anchorage, com medo de que eu pudesse morrer por aqui.

Mas, na verdade, foi a Cookie que me fez prosseguir. Não estivemos mais de 10 minutos nesse posto de controle. A matilha sabia que parava para descansar e comer; Cookie fizera um esforço maior do que os outros cachorros, devia estar mais

cansada, mas levantou-se e pôs-se a olhar para a pista.

Pronta para recomeçar. Levantou-se para partir e, com esse simples ato, retirou-me qualquer veleidade de desistência.

A corrida era tanto dela como minha — mais uma razão. Iríamos correr. Eu não tinha o direito de desistir. Entrei na cabana, pedi que tratassem de minhas feridas no peito e depois atrelei os cães e parti para a próxima etapa, vacilando e coxeando com dores.

A MAIOR parte da corrida era coisa de loucos; por isso, tem pouco significado dizer que Burn era uma loucura. Um veterano me tinha avisado antes da corrida:

— São uns 150 km de matagal e árvores que arderam num incêndio. Por causa do vento, que não pára de soprar, geralmente não há neve. Então, corre-se sobre troncos caídos, mato, lama e pedras. Há quem diga que é a parte mais dura da corrida.

Comecei essa etapa à noite. Os cachorros correram sempre para a frente, até que o trenó bateu numa árvore caída e tive de usar um machado para tirá-la do caminho (as matilhas não dão marcha a ré), pegar o trenó e puxá-lo por entre pedras e matagal, até que ele esbarasse em outra árvore, às vezes poucos metros adiante. Isto ao longo de 150 km. Há ainda a acrescentar uma descida da temperatura para  $-34^{\circ}\text{C}$ .

As alucinações começaram por volta da meia-noite. A causa clínica



é a privação de sono, segundo me disseram mais tarde.

Eu estava cortando uma árvore quando um homem esguio, de casaco de veludo, óculos e gravata, se colocou à minha direita e sorriu.

— Já era hora de aparecer alguém para me ajudar — disse eu. — Isso está ficando ridículo!

E ele me ajudou. Não disse palavra, mas me ajudou a segurar na árvore enquanto eu a cortava.

Fechei momentaneamente os olhos e, quando voltei a abri-los, imaginei que olhava por cima de meus cachorros em direção à costa da Califórnia. Voltei a pestanejar e vi minha mulher me aconselhar a libertar os animais e descansar.

— Solte-os — disse ela. — Eu peço depois, não se preocupe.

Quase fiz isso, começando a desatrelá-los com uma mão, mas voltei a fechar os olhos e ela desapareceu. Os cachorros estavam parados e Cookie fixava um alce.

Fechei de novo os olhos. Comecei a perceber que, embora não conseguisse afastar as alucinações, parecia capaz de modificá-las pestanejando.

Só que esse alce não desapareceu. Correu para cima da matilha, escoiceando, e eu o enfrentei com o machado, saltando e golpeando. Ele me atingiu e eu caí. Então dei um salto e comecei a gritar, brandindo o machado.

O alce sumiu.

E ali estava eu, de pé, sozinho, com a luz da lanterna varrendo as árvores nuas e o matagal. Não via mais meus cachorros e entrei em pânico,

com a luz apontando para um lado e para o outro.

A matilha desaparecera.

Caminhei no escuro 20 m ou 30 m, espalhando a luz em volta. Assaltavam-me terrores sem fim.

Aí, quase tropecei nos bichos. Estavam deitados juntos uns dos outros, dormindo profundamente. Havia uma fogueira acesa, a panela da comida dos cães estava ao lado, a carne estava sendo aquecida.

— Mas que é isso?

Falei em voz baixa. Cookie acordou e olhou para mim, mas não se levantou.

Eu os havia conduzido até ali sem me dar conta. Tinha alimentado os cães, tinha-os deitado nas camas, tinha-os esfregado, tinha-lhes tirado as botinhas, tinha preparado sua comida — tudo isso inconsciente. Atei uma corda em meu pulso direito, para o caso de voltar a vagar, e deitei-me à espera do amanhecer.

Ao meio-dia do dia seguinte chegamos a um renque de abetos incendiados, ao longo de uma crista de serra. Fiquei admirado ao ver uma matilha sem condutor. Olhei para o alto e vi um homem deitado de barriga para baixo, espiando lá de cima. Ele olhou para mim.

— Venha até aqui. Você tem de ver isso.

Peguei o gancho de neve e, enterando-o no chão o melhor que pude, subi até junto dele e olhei.

Contemplávamos um lago gelado. Embaixo, à direita, havia um grupo de quatro búfalos. Dois esta-



vam no capim, junto à margem, e os outros estavam no meio do lago.

— Veja — disse o homem.

Um dos búfalos recuou, afastando-se do lago, bateu no chão com as patas uma série de vezes e correu para o lago a toda velocidade. Quando chegou à margem gelada, afastou as patas dianteiras, levantou a cauda no ar, firmou-se nas pernas e deslizou pelo gelo, dando voltas em círculos à medida que avançava.

Quando diminuiu para parar, lançou um mugido sonoro. Veio então outro búfalo disparado sobre o gelo, deslizou até mais longe que o primeiro e emitiu um mugido ainda mais forte.

Eu não conseguia acreditar no que estava vendo, e pestanejei várias vezes, pensando que estava outra vez com alucinações.

— Não, é verdade mesmo! — disse rindo o homem. — Quando passei aqui, ouvi os mugidos e subi para ver o que era.

Ficamos ali mais meia hora, assistindo à patinação dos búfalos. Quem poderia imaginar uma coisa assim?

DESCOBRI que, apesar dos percalços, eu era o trigésimo e qualquer coisa entre as 68 equipes. Não estava de modo nenhum competindo para o prêmio de 24 000 dólares, e sabia isso. No fundo, tinha até sérias dúvidas sobre se iria chegar ao fim. Mas também não estava em último.

Por fim, quando cheguei ao posto de controle na cidade de McGrath, nas margens do rio Kuskokwim, uma parte de mim queria des-

cansar, mas a outra me pressionava a prosseguir. Um controlador saiu do edifício, convidou-me a entrar e indicou-me onde estavam os sacos de comida para os animais e onde eu podia instalá-los.

Quando voltei para junto de minha matilha com os sacos na mão, alguém abriu a porta de um café e o cheiro que veio lá de dentro me fez parar imediatamente. Senti uma fome tão intensa que meu espírito parecia ser consumido por ela, tal como quando se está apaixonado.

Eu vinha comendo pouco, às vezes nem sequer comia, só um bolinho de carne aqui e ali. Sentia-me num tal estado de excitação que nem dava pela fome. Mas agora, uma refeição quente, à mesa, era uma idéia fixa que não me saía da cabeça. Pousei no chão os sacos de comida e entrei no café.

Ainda equipado com o material para a neve — *parka*, dois pares de calças, *mukluks* [botas de pele de rena ou foca], dois pares de luvas, mitenes de pele de carneiro —, sentei-me num dos bancos do balcão.

Uma garçonete se aproximou e perguntou:

— Quer alguma coisa para comer?

— Ovos com presunto — respondi. — E muito café; baldes de café, por favor.

— Pode despir seu equipamento — disse ela, sorrindo, quando trouxe o café. — Temos aquecimento.

— Como? Ah! Eu me esqueci.

Tirei a *parka*, as mitenes e abri o fecho das calças de fora para deixar entrar o ar quente.



Sorvi o café, segurando a xícara com mãos incrivelmente sujas. Tinha a barba coberta de gelo e sentia-o pingar enquanto derretia.

Quando me trouxeram o prato, parei um segundo para apreciar seu aspecto: dois ovos de gemas bem amarelas, uma grande fatia de presunto e uma pilha de batatas fritas. Depois, detonei aquilo tudo. Quando acabei, a empregada se aproximou e exclamou:

— Meu Deus! Isso é que é rapidez! Quer mais?

Acenei que sim. Ali sentado, tomei cinco desjejuns inteiros sem parar. Quando terminei, ainda sentia fome, mas parei, envergonhado.

Levantei-me então para pagar, mas na ponta do balcão, o cozinheiro, um homem corpulento, se aproximou. A conta era enorme — 60 ou 70 dólares — porque os preços no interior do Alasca tinham disparado. (Lá, toda a comida tinha que ser transportada de helicóptero.) Enquanto procurava o dinheiro para pagar, ele levantou a mão e perguntou:

— Você não é um dos corredores?  
Eu disse que sim.

— Então não quero seu dinheiro.  
Boa corrida.

Por muito que eu insistisse, não quis aceitar nada. Acabei por deixar umas moedas para a garçonete e fui

ter com os cachorros. Mais tarde, haveria de lembrar-me muitas vezes de ter comido aqueles cinco desjejuns no café de McGrath, enquanto o gelo de minha barba derretia e pingava.

A BATALHA para atravessar o interior do Alasca começa quando se sai de McGrath, a cerca de 640 km da costa de Bering. No princípio, não parecia mau sair do planalto com meus 15 companheiros (ou 14 companheiros mais o Diabo) e cumprir uma média de 11 km/h.

Mas depois da parada seguinte, a paisagem tornou-se quase extraterrestre — uma enorme planície sem árvores, estendendo-se até o horizonte e mesmo para além dele. Aquilo... aquilo... não tinha fim.

A atmosfera estava maravilhosamente límpida, com exceção de dois pequenos núcleos de nuvens lá ao longe. Quando o Sol baixou, estas pareceram crescer e espalhar-se pelo céu. O vento cresceu e começou a nevar.

Mergulhamos num vale e contornamos uma pequena colina. Depois, quando voltamos à planície, quase fui expulso do trenó pela força da ventania.

Cookie tentava manter uma boa marcha, mas os outros animais a contrariavam, fazendo rodar o trenó





até o vento soprar por trás, porque isso lhes facilitava a deslocação.

— Não! Ao contrário! — gritava eu.

Lembrei-me da velha piada militar: «Não sabemos onde estamos nem para onde vamos, mas estamos a fazer um tempo ótimo.»

Era o caminho para um fracasso certo. Eu podia perder minha matilha ou os cães podiam se desentender e ferirem-se. Eles continuaram a avançar a boa velocidade durante uma meia hora, depois começaram a diminuir a marcha e, por fim, Cookie os fez parar. Nessa altura, o vento devia estar soprando a uns 110 km/h a 130 km/h, uma tempestade terrível, com nuvens de neve que nos cegavam. Eu sabia que não havia nada a fazer senão parar e tentar sobreviver.

Lancei o gancho e arrastei-me até a fila de cães, descobrindo que eles já se tinham deitado e enrolado como bolas. Regressei ao trenó, desenrolei meu saco de dormir e me enfiar dentro dele. Lá fora, o vento soprava cada vez mais forte, uivando, mas eu estava aquecido. Fechei os olhos e devo ter adormecido, se é que não desmaiei.

Quando acordei, reinava o silêncio. Abri o saco. Ele parecia invulgarmente pesado e, mal o abri, caiu-me em cima um monte de neve. Levantei-me e deparei com um mundo gélido e cintilante.

Sobre nós tinha-se formado uma concha de neve com cerca de 90 m de comprimento. Com exceção de pequenas baforadas de vapor pro-

veniente do nariz de cada cão e que saíam através de pequenos orifícios à superfície, não havia qualquer vestígio da matilha, do trenó, nem de coisa alguma.

Ergui-me e caminhei, enterrando-me na neve até a cintura, para cumprir certa tarefa inadiável. Estava remexendo desajeitadamente minha roupa quando, de súbito, diante de meus pés, a crosta de neve começou a se mover e surgiu a cabeça de um homem.

— De onde é que você saiu?! — perguntei-lhe eu, muito surpreendido.

Ele se ergueu e sacudiu a neve.

— Sei lá. Devemos ter seguido a sua pista.

— Você e seus cachorros?

— Não. Éramos um grupo de seis ou sete matilhas.

Nesse momento, a cabeça da Cookie espreitou na neve e moveu-se de um lado para o outro. O Diabo surgiu a seguir, depois o Wilson. Segundos depois, toda a concha de gelo se abria, com cães e homens sacudindo a neve. Onze equipes completas, cerca de 200 cachorros e dez homens.

Perturbados por termos escapado por pouco à tempestade, concordamos em seguir juntos até o posto de Iditarod.

OUTRORA florescente cidade dedicada à mineração de ouro, Iditarod hoje se resume a um edifício meio escavacado. O nome significa 'lugar distante' na língua nativa do Alasca Ocidental. Além de dar o nome à